

Esta arte é de todos os géneros e fala português

23.10.2017 07:00 | por Rita Bertrand

A dicotomia macho-fêmea já era - e os artistas contemporâneos provam-no em G, que reúne, no Museu do Chiado, em Lisboa, duas dezenas de obras nacionais, onde identidade, corpo e sexualidade não se esgotam na velha divisão do mundo entre homens e mulheres



Foi você que pediu um ser andrógino?

PUB

Um jovem barbudo, tão feminista como

Simone de Beauvoir? Uma mulher arrapazada? Um homem a quem a maquilhagem aumenta a auto-estima? Aqueles que não conseguem encaixar-se na sociedade formatada, de homens e mulheres a cumprir papéis impostos há milénios? Todos eles - e sobretudo a reflexão em torno dos estereótipos sociais, através da imaginação artística - está em G - Género na Arte. Corpo, Identidade, Sexualidade, Resistência, que o Museu Nacional de Arte Contemporânea, no Chiado, Lisboa,

inaugura esta quinta-feira, dia 19.

A curadoria é de Aida Rechená (directora da instituição desde 2015) e de Teresa Furtado, especialista em artes visuais multimédia e Estudos de Género. Para elas, "os museus não são lugares neutros" e devem ter em conta questões fundamentais para a sociedade, sendo uma delas "o género enquanto dimensão identificadora dos indivíduos" e "aqui entendido como construção sociocultural das diversas e possíveis formas de ser pessoa, que por sua vez, toma múltiplas expressões".

De facto, as curadoras consideram que as manifestações de género - da orientação sexual aos papéis de género - "são permanentemente construídas ao longo da vida", especialmente neste início de milénio, caracterizado por "alterações rápidas e profundas do tecido social" e "migrações massivas". São, portanto, "do domínio do performativo" - e cada pessoa "actua" de acordo com "a aprendizagem e a incorporação", mas não só: também há "recusa e rejeição de normas, valores e atributos morais, que são permanentemente avaliados, negociados e lembrados socialmente", o que as obras em exposição reflectem bem.

Essa premissa, aliás, é o que norteia esta exposição composta por duas dezenas de obras (instalações, fotografias, desenhos, vídeos, esculturas, sempre com ecos performativos, a espelhar a diversidade humana), todas produzidas a partir do ano 2000, juntando jovens estudantes de escolas artísticas (que criaram peças inéditas, em resposta ao tema) e artistas consagrados como Alice Geirinhas, Ana Pérez-Quiroga, Ana Vidigal, Cláudia Varejão, Gabriel Abrantes, Miguel Bonneville, Vasco Araújo ou a dupla João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira (que assinou o espectáculo Palhaço Rico Fode Palhaço Pobre e criou os irreverentes cenários da peça do Teatro Praga, Zululuzu).

Ainda de acordo com as curadoras, "o corpo, a sexualidade, a identidade e resistência são dimensões presentes na construção diária do género", mas também o fio condutor desta exposição, que procura desfazer estereótipos.

A exposição, que se prolonga até Março de 2018, surge em articulação com a conferência internacional Género na Arte de Países Lusófonos: Corpo, Sexualidade, Identidade, Resistência, a decorrer a 27 e 28 de Outubro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

G. Género na Arte - Corpo, sexualidade, identidade, resistência

Mnac - Museu do Chiado, Lisboa

De 19/10 (às 19h) a 11/3 || 10h-18h

Fecha 2.^a €5